

Areias, 27,6,1909

Rangel:

Das muitas belas coisas propostas não vacilo em aceitar o plano do livro de contos a dois\_ mas com leves modificações. Em vez de fazê-lo à nossa custa, procuraremos editor. Há no Rio o Garnier. Quem sabe se esse Garnier... Com boas cunhas, Rangel, acho que podemos interessar um editor. Só em caso contrario editar-nos-emos por conta propria. Minha ideia é que quem se edita por conta propria faz uma coisa anti-natural\_ como entre as mulheres o parir pela barriga, na cesariana. Mas, seja lá como for, proponho estes pontos: 1) Não haver pressa; 2) Apurarmos a forma, de modo que os criticos exigentes não descubram nem uma lendea de pronome mal colocado; 3) Ler um a produção do outro, comentar, criticar, sugerir, vetar; 4) As duas partes conformar-se-ão com as sentenças, mas ficam com o direito de rejeitar o veto; 5) A fatura material do livro será perfeita; prosa boa impressa em papel de embrulho vira carne seca da fedorenta; champanha em caneca de lata vira zurrapa. Sempre imaginei o nosso primeiro livro assim ao tipo daquela edição Guillaume do *Robert Helmont* com desenhos de Myrbach. Podemos lançar mão da bagagem já publicada, depois de devidamente brunida. E também enfiar coisas novas.

Eu ando com uma ideia a me perseguir como certas moscas em dia de calor. Espanto-a e ela volta. Um conto. Um farol com dois faroleiros. O mar sempre a bater nas pedras do enrocamento da torre. A vida solitaria dos faroleiros\_ o isolamento. As aves noturnas que se deixam cegar pela luz dos holofotes e se espedaçam contra os vidros. O objetivo é pintar o mar e as sensações de faroleiros isolados, mas para justificar a pintura ponho um drama qualquer\_ um mata o outro, algo assim. Faz uma semana que a ideia me está germinando lá num canteiro da cabeça, qual piolho interno.

Sou partidario do conto, que é como o soneto na poesia. Mas quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados. Contos-estopins, deflagradores das coisas, das ideias, das imagens, dos desejos, de tudo quanto existia informe e sem expressão dentro do leitor. E conto que ele possa resumir e contar a um amigo\_ e que interesse a esse amigo.

Tenho examinado os ultimos livros de contos aparecidos. Nada como quero. O ultimo foi o de Veiga Miranda, que a imprensa elogiou. Uns contos ordeiros, exatamente nos moldes de todos os outros\_ coisa *feita*, não *saida*. Especie de presepe literario. Aqui, um boizinho. Aqui, um riozinho. Aqui, uma porteirinha para casar com a

casinha lá adiante. E agora, uma mulherzinha com um homenzinho de olho nela, etc.

O nosso livro de contos será o contrario disso. Todo cheio de novidades, na forma e no entrecho. E nada de amorécos e adulteriosinhos de Paris. Isso já fede. Será como os de Kipling\_ com paisagens, arvores, céu, passarinhos, negros... Eu gosto muito dos negros, Rangel. Parecem-me tragedias biologicas. Ser pigmentado, como é tremendo! Já leste *A mais Bela Historia do Mundo?* Impossivel novela mais rica de horizontes. Do mesmo grande Kipling traduzi para o *Minarte* o conto *Um Fato*. Prodigioso. Historia duma serpente do mar que em consequencia duma erupção vulcanica submarina rebentou lá no fundo e veio á tona, escabujando no desespero da “falta de pressão atmosferica”, especie de falta de ar. As serpentes vivem nas grandes profundidades e portanto sob tremendas pressões; trazidas á pressão menor da tona, elas estouram, soltam os pulmões pela boca, etc. Não pode haver pintura mais fiel, mais *d’après nature*, dessa serpente marinha que Kipling viu escabujar moribunda\_ que ele viu, apesar da serpente do mar ser apenas uma crendice de marinheiro! Ou Kipling ou Maupassant. Não ha maiores. Tenho aqui *Boule de Suif*, *La main Gauche*, *Clair de Lune*, *Mlle Fifi*, *Sur l’eau*... Por falar neste: havia uma tradução portuguesa naquela coleção romantica, com uma moça na capa, lendo um livro á luz do lampeão, lembra-se? Traduziram o *Sur l’eau* por *Vogando*, e parece que foi o unico Maupassant que o Tito leu. Sempre que asava ensejo, lá vinha ele: “Como diz Maupassant no *Vogando*...”

O *Ana Karenina*, que li agora, ponho-o junto de *Guerra e Paz*, *Lirio no Vale* de Balzac e *Le Rouge et le Noir* de Stendhal. Como é grande Tolstoi! Grande como a Russia.

Mas, voltando ao assunto: a ideia de associar-nos é otima, porque um escora o outro; dois bebedos de braços dados têm menos probabilidades de cair. Até no namoro é assim. Quando em meninotes passavamos pela janela da namorada junto com um companheiro, lá passavamos firmes, sem tropicar em pedras inexistentes. Mas se passavamos sozinhos e Ela estava com alguma outra, a orelha nos avermelhava, quente, vinha uma comichão suada na cabeça, o passo perdia o ritmo normal, tornava-se, como dizem os ingleses, *self conscious*\_ e ou a bengalinha nos caia da mão ou era inevitavel a topada na pedra inexistente. Se sairmos os dois no mesmo livro, vamo-nos aguentar um ao outro maravilhosamente.

Pode mandar o *Queijo*. Quanto ao espiritismo, não me preocupo. William Crookes, aquele inglês dos raios catodicos, fez experiencias rigorosas e concluiu pela existencia duma força mal conhecida que atua de varias formas, e a que ele, por comodidade, dá o nome de *força psiquica*. Foi do que li o que mais me satisfiz\_ e nisso fiquei, como em filosofia fisica fiquei na Evolução e na filosofia estetica fiquei naquele maravilhoso “*Vade*

*mecum? Vade tecum!*” do Nietzsche. Essa força psíquica só agora começa a ser estudada pelos homens de educação científica; antes negavam-na. Outro físico inglês, Oliver Lodge, tem coisas ótimas a respeito, e estuda tais fenómenos com o mesmo rigor com que estuda os fatos físicos. A palavra “sobrenatural” empregada em relação a essas coisas me parece impropria. O fato de não sabermos uma coisa não a exclui da natureza ou não a põe *sobre a natureza*. Um dia esses fatos psíquicos, hoje considerados sobrenaturais, estarão conhecidos e fichados, como tantos da química. A “ação de presença”, por exemplo, sempre existiu e era um mistério\_ algo sobrenatural; hoje a ciência dá-lhe o nome de catalise e utiliza-a para efeitos práticos. O feiticeirismo da Idade Média, o ocultismo, o espiritismo, o esoterismo, o eterno pendor do homem para o Mistério, tudo isso implica na existência de qualquer coisa que coexiste ao nosso lado, que certas pessoas pressentem, etc. É o *au-delà*, o “outro mundo”, como o mundo da luz solar é “outro mundo” para o cego, apesar de ser apenas um aspecto deste nosso mundo para os que enxergamos. Um sexto sentido parece que vem vindo, como foram vindo os nossos atuais cinco sentidos\_ e virá um sétimo, um oitavo, etc. Evolução. E cada novo sentido nos descortinará um “outro mundo”. O medium, que é senão uma criatura em quem o sexto sentido está se denunciando? Um dia todos teremos esse sexto sentido\_ e adeus, sobrenatural! Um dia os compendios de física trarão o capítulo novo da metapsíquica, como os compendios de hoje trazem o capítulo novo da termo-dinâmica.

O radium, por exemplo. Não nos desvendou todo um “outro mundo”? Ha agora o quarto estado da matéria\_ o radiante. Haverá o quinto\_ o metapsíquico...

Ando a regalar-me com Macaulay nos *Essays*. É uma espécie de Ruy Barbosa da história e da crítica\_ e por falar: leu o discurso de Ruy saudando o Anatole France? Este o classificou de mais uma bela página acrescentada á literatura francesa\_ e não o disse por amabilidade porque é mesmo. Ruy é positivamente grande como o mar.

E a *Careta*? Já viu? A melhor coisa que no género humorístico já apareceu entre nós. Finíssima.

A minha Marta está considerada a menina mais bonitinha de Areias\_ e não vai nisto babo de pai. Reação da Natureza. Pai feio, filha bonita. E onde foste cavar esse nome Nelo que deste ao teu menino? Mau nome, como o do Lino. Presta-se aos trocadilhos do Tito: “Viu o Lino”? “Descasque esse abacaxi, Nelo”. Não louvo o “Nelo”, como também não louvo o teu “Caim de Nazareth”. Caim, ainda passa; mas Nazareth lembra nariz constipado. Nome que se associa no som a certas palavras é feio. Não posso ouvir falar em “Corina” sem me lembrar do mictório. “João” me sugere “sabão”, “feijão”. “Cornelio” lembra “corno”, etc. Os pais escolhem mal o nome dos filhos e muitas vezes perpetuam no mundo pequeninas tragedias. Conheço um “Medardo”. Uma criadinha lá da casa de meu sogro, sempre

que esse Medardo aparecia (era cliente), atrapalhava-se e anunciava-o com o “r” fora do lugar...

Chega. Adeus.

LOBATO